

RESENHA DA OBRA

BARBOUR, Rosaline. **Grupos focais**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

Mickey Mouse se apossa do chapéu do mago, perde o controle sobre as águas, que vão subindo e ameaçando até sufocá-lo. Essa é uma famosa cena do filme “Fantasia” (1940)¹, de Walt Disney. Para evitar atuações como o aprendiz de feiticeiro, o pesquisador precisa conhecer e dominar adequadamente as técnicas de pesquisa, em particular a do grupo focal, antes de utilizá-la. Apesar da aparente facilidade e da economia de tempo, já que várias pessoas são entrevistadas ao mesmo tempo, o emprego da técnica exige cuidados especiais, tais como: capacidade de iniciativa, ouvidos bem abertos, atenção contínua, capacidades de mudar de rota, improvisar, aceitar falas inesperadas, saber ler pacientemente as transcrições e desenvolver a capacidade de ver os resultados de dentro e de fora, sem torcer nem distorcer. Assim como a feitiçaria não podia ser usada em benefício próprio, o aspecto ético do pesquisador é primordial. Especialmente o iniciante corre o risco de induzir os participantes do grupo a responder como ele almeja e de pinçar os trechos que mais aparentam atender aos seus objetivos.

Grupos focais é uma técnica de pesquisa que vem sendo bastante adotada por pesquisadores brasileiros. Esse é o tema da obra de Barbour. Como uma das poucas obras sobre o assunto em língua portuguesa, essa tradução merece destaque, devido à relevância do tema. Os grupos focais podem ser utilizados em diversas áreas do conhecimento. Em Educação, especialmente na educação profissional, ela pode ser muito útil, por exemplo, para levantamento de necessidades ou para avaliar programas e projetos. Entre suas diversas finalidades, a técnica pode ser capaz de revelar pontos e entrelinhas que não aparecem nos dados quantitativos.

O livro está estruturado em onze capítulos. Os três primeiros contextualizam a pesquisa com grupos focais. O quarto, o quinto e o sexto abordam seu planejamento e execução. O sétimo traz algumas questões éticas que envolvem esse método. Os capítulos oito, nove e dez versam sobre aspectos relevantes acerca da análise de dados gerados pelos grupos focais, e o último discute algumas limitações e possibilidades em sua utilização.

Intitulado *Introdução a grupos focais*, o primeiro capítulo, além de apresentar um delineamento de toda a obra, traz alguns aspectos essenciais para contextualizar os grupos focais como método de pesquisa. A autora define como grupo focal qualquer discussão realizada em grupo, desde que o pesquisador motive e estimule as interações. Acrescenta que, para conduzir um grupo focal, é preciso: 1) elaborar um roteiro previamente; 2) selecionar materiais que incentivem a interação; 3) definir a composição do grupo; 4) garantir que os participantes discutam entre si, e não apenas com o pesquisador ou moderador. Nesse capítulo, a autora defende a utilização de grupos focais em diferentes

áreas do conhecimento e em diferentes contextos históricos. Ressalta que cada disciplina adaptou as técnicas de condução dos grupos focais de acordo com os objetivos que pretendia alcançar, o público pesquisado e os paradigmas teóricos utilizados.

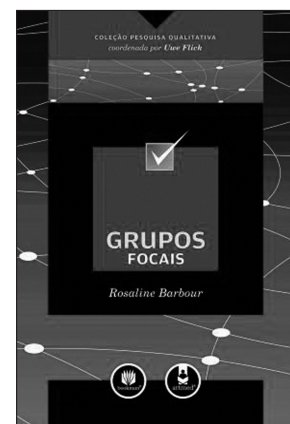
O segundo capítulo, *Usos e abusos dos grupos focais*, tem como objetivo mostrar quando os grupos focais devem ou não ser utilizados. A adoção desse método é adequada para os seguintes fins: 1) avaliar propostas de questionários para adequá-los, caso seja verificada necessidade; 2) encorajar participantes usualmente relutantes em conceder entrevistas individuais ou os que seriam “pouco acessíveis”; 3) abordar questões do tipo “por que não?” Por outro lado, o método não é apropriado para: 1) obter narrativas; 2) avaliar atitudes.

No capítulo seguinte, *Fundamentos da pesquisa com grupos focais*, a autora discute os fundamentos epistemológicos da utilização dos grupos focais, relacionando-os às principais tradições filosóficas e metodológicas e inserindo-os na epistemologia qualitativa. Ela expõe que as principais críticas a esse método têm origem no positivismo. No mesmo capítulo, afirma que a utilização de grupos focais possibilita ao pesquisador descrever e explicar fenômenos, desde que haja um planejamento apropriado de pesquisa e, especialmente, dos procedimentos de amostragem.

O quarto capítulo, *Projetos de Pesquisa*, tem início com a descrição de quando utilizar entrevistas individuais ou grupos focais. A autora argumenta que, para escolher o método a ser adotado, é importante avaliar as vantagens e desvantagens de cada um, de acordo com o projeto e o contexto. Em seguida, ressalta que os grupos focais podem ser eficazes como método único ou como parte de pesquisa com abordagem mista. Nesse caso, os grupos focais podem ser úteis para aprofundar e esclarecer questões após a etapa quantitativa da pesquisa.

Na perspectiva da pesquisa qualitativa, as bases de dados produzidas a partir de diferentes métodos devem ser utilizadas para comparação (proposta da triangulação), a fim de explicar as divergências encontradas pelos diferentes métodos aplicados, e não para corroborar resultados semelhantes obtidos pelos diferentes métodos, conforme proposto pela abordagem quantitativa.

Ainda nesse capítulo, a autora considera alguns aspectos que podem interferir nas discussões do grupo. O primeiro é o local ou ambiente escolhido, pois não poderá haver nenhum material que, porventura, influencie as discussões. Ademais, o local deve ser acessível. O outro é a personalidade do pesquisador e do moderador. É fundamental antecipar os possíveis impactos que esses aspectos podem trazer para a discussão, a fim de minimizá-los ou, ao contrário, extrair vantagens desses aspectos. Também na análise dos dados é preciso considerar esses impactos. A etapa



¹ DISNEY, Walt. *Fantasia*. [S.l.]: Walt Disney Studios, 2000. 2 DVD.

do recrutamento dos membros também é crucial. É importante identificar as fontes eficazes para recrutar os participantes, usando a criatividade. Barbour explica que pagar os membros do grupo para participar da pesquisa é um ato controverso. Entretanto, é uma boa ideia reconhecer a contribuição dos participantes com brindes ou associar a participação no grupo focal com uma atividade de cunho formativo e educacional, com certificado.

O quinto capítulo, intitulado *Amostragem*, explica como a amostragem é essencial para as comparações que se pretende fazer. Ressalta que, na pesquisa qualitativa, o propósito da amostragem não é a representatividade, mas a diversidade dentro do grupo. É importante que os membros tenham pelo menos uma característica importante em comum. A quantidade de grupos focais para a realização da pesquisa é uma decisão que depende dos objetivos da pesquisa. Quanto à composição do grupo, sugere que varie de três a oito pessoas, a fim de facilitar a moderação e a análise das transcrições. O pesquisador deve estar atento, pois durante a realização de um grupo focal podem surgir novas questões, as quais poderão ser exploradas em um novo grupo focal.

No sexto capítulo, *Questões práticas de planejamento e execução de grupos focais*, a autora pontua aspectos práticos que auxiliam o pesquisador na condução dos grupos focais. Inicialmente, deve-se verificar a sala onde será realizado o grupo focal, garantindo a inexistência de materiais que possam influenciar a discussão e de barulho que interfira na condução do grupo. Em seguida, a autora dá orientações sobre equipamentos de gravação, os quais são indispensáveis para uma posterior transcrição de qualidade. Os vídeos, certamente, capturam mais informações, como a comunicação não verbal, além de possibilitar a identificação de cada membro, no momento da transcrição. Entretanto, pode gerar desconforto entre os participantes. Também é importante que o moderador registre suas observações imediatas sobre a discussão do grupo e inclusive a sequência da conversa. Para isso, um moderador assistente seria de grande importância. Sobre a transcrição, mostra que a literal permite o retorno aos dados em um momento posterior. Entretanto, se o pesquisador ouvir a gravação várias vezes e tiver acesso às suas anotações isso não torna a pesquisa menos rigorosa.

Segundo Barbour, a condução do grupo focal se inicia com a apresentação dos objetivos do grupo, o reforço do anonimato, a segurança de que todos concordam em participar da pesquisa e, por fim, as instruções. É pertinente que o pesquisador siga um roteiro, o qual deverá ser flexível. A autora defende a utilização de materiais de estímulo, tais como quadrinhos e recortes de jornais, pois eles são capazes de: 1) quebrar o gelo e inserir humor; 2) estimular as discussões; 3) proporcionar comparações entre os grupos. É recomendável que se considere a ordem das questões, partindo das mais inofensivas para as mais delicadas. As intervenções durante a discussão são fundamentais para obter esclarecimentos, para solicitar que o participante explique seus comentários ou amplie o tópico discutido e para motivar a interrupção do silêncio.

Ética e comprometimento é o título do sétimo capítulo. Nele Barbour discute questões éticas inerentes à condução de gru-

pos focais, que podem trazer implicações aos participantes e ao próprio pesquisador. Todas essas dificuldades precisam ser antecipadas, e o pesquisador deve estar preparado para lidar com elas. Ela ressalta também a necessidade de se fazer esclarecimentos com os participantes ao término da realização do grupo focal, oferecendo-lhes a oportunidade de manifestar o desejo de excluir da transcrição quaisquer comentários feitos durante a discussão e esclarecer quaisquer dúvidas. Em seguida, salienta os desafios e orientações para conduzir pesquisas com grupos vulneráveis, tais como crianças, idosos ou portadores de deficiências. Nesse sentido, a criatividade do pesquisador é essencial para obter sucesso nas discussões. Os estudos transculturais também se revelam desafiadores aos pesquisadores, tanto em termos culturais quanto de tradução e interpretação. Verifica-se, assim, que as questões práticas e éticas estão intrinsecamente conectadas ao planejamento e à execução da pesquisa.

No capítulo posterior, *Produção de dados*, a autora aborda aspectos sobre a condução dos grupos focais. Ela destaca que é uma grande habilidade do pesquisador saber quando não intervir nas discussões. Ou seja, há grupos em que quase não haverá necessidade de intervenções. Quando necessário, o pesquisador poderá fazer questões adicionais para aprofundar algum tópico e, especialmente, redirecionar o debate ao perceber que a discussão saiu do foco da pesquisa. É imprescindível que o pesquisador esteja atento para a comunicação não verbal dos participantes, e também para o tom de voz e o vocabulário, pois eles podem ser significativos na análise dos dados.

O capítulo seguinte, *Compreendendo os dados do grupo focal*, versa sobre a análise de dados produzidos em grupos focais por meio de codificações. Trata-se de um processo bastante complexo, que exige atenção do pesquisador. O roteiro do grupo focal pode ser um ponto de partida para uma codificação provisória de categorias, mas não deve ser a única base para a geração de todos os temas e categorias. Após identificar os temas gerais, é importante atentar-se para alocar outros temas em subcategorias relacionadas aos temas mais amplos. Obviamente, é essencial haver uma conexão entre os temas gerais. Há duas formas de fazer isso, após a leitura das transcrições: atribuir codificações bem detalhadas e agrupá-las posteriormente ou fazer o caminho inverso, partir dos temas gerais e fragmentar os códigos. A autora sugere o máximo de vinte temas gerais.

Em seguida, Barbour diferencia os códigos *a priori dos códigos in vivo*. Os primeiros, como o próprio nome esclarece, são aqueles previstos pelo pesquisador para aparecer na discussão. Os códigos *in vivo*, por sua vez, são conceitos específicos da comunidade investigada, que surgirão durante o grupo focal, e provavelmente não terão sido previstos pelo pesquisador. Para as categorizações deve haver uma constante movimentação entre os códigos de categorias e as transcrições. Assim, sempre haverá acréscimo, realocação e alteração de temas e categorias, pois os códigos de categorias estão constantemente sujeitos à revisão.

No décimo capítulo, *Desafios analíticos na pesquisa com grupos focais*, a autora ressalta que os grupos focais enfatizam um aparente consenso, que pode esconder importantes ênfases e diferentes opiniões individuais. Para evitar esse problema, sugere que sejam recrutados para a composição do grupo indivíduos

com perspectivas contrastantes ou que o pesquisador conduza a discussão de forma a explorar as discordâncias e, ainda assim, considerar as vozes individuais na análise. A elaboração de tabelas possibilita uma fácil consulta e visualização da padronização dos dados (que emprega algum tipo de contagem). Barbour salienta, ainda, que os momentos de silêncio na discussão, desde que não sejam causados por falhas do pesquisador ou dos participantes, podem ter significados diversos e, por isso, devem ser considerados na análise. Além disso, todo e qualquer excerto oriundo da discussão deve ser analisado dentro do contexto em que foi proferido. Para ela, uma abordagem analítica exige comparação constante dos comentários dos participantes, a fim de verificar e explicar as semelhanças e diferenças entre os indivíduos e entre os grupos, além de analisar os padrões identificados, bem como a falta deles.

O último capítulo, *Desenvolvimento de grupos focais*, traz algumas orientações finais e conclusões. A autora aconselha evitar a citação de comentários individuais que demonstrem a opinião de todo o grupo. Isso poderia fazer o leitor questionar o motivo da realização do grupo focal, além de, possivelmente, transcrever comentários fora de contexto. É mais interessante utilizar trechos que reflitam a interação do grupo. Depois, são apresentadas vantagens e desvantagens em realizar grupos focais “virtuais”. Entre os aspectos positivos, estão: 1) menor oportunidade de alguns indivíduos dominarem a discussão; 2) economias em termos de recrutamento dos participantes, custos de viagem e transcrição dos dados; 3) redução dos problemas decorrentes de combinar as características do moderador com as do grupo. Entre os negativos, citam-se: 1) possibilidade de abreviação ou

omissão de comentários importantes, devido à necessidade de digitação; 2) diminuição da habilidade do moderador em guiar a discussão e solicitar elaborações.

Cada capítulo disponibiliza uma relação de textos complementares, possibilitando ao leitor a busca de novas fontes. Também lista, ao final, os principais aspectos discutidos. Essa síntese é de grande riqueza didática, pois além de permitir que o leitor recapitule pontos significativos, facilita o acesso posterior à obra. Ao longo do texto há várias referências a pesquisas que empregaram grupos focais, além de experiências da autora. Na verdade, todo o livro reflete uma excelente fundamentação teórica.

O texto é repleto de exemplos, os quais se referem tanto a experiências bem-sucedidas quanto a erros cometidos por pesquisadores, demonstrando ao leitor o que deve ser feito ou evitado na condução de grupos focais. Destaca-se ainda a organização e a sequência lógica do livro, além da linguagem didática, que talvez se deva à qualidade da tradução. *Grupos Focais*, como um dos poucos livros em língua portuguesa sobre o tema, é um verdadeiro manual para estudiosos que utilizam ou pretendem utilizar a técnica em suas pesquisas. Barbour deixa claro que não é simples, tampouco fácil, conduzir grupos focais, todavia, como em qualquer atividade humana, a repetição e a prática nos tornam cada vez melhores no que fazemos.

Janete Palazzo

Vice-diretora geral da Faculdade de Ciências Sociais e Tecnológicas – FACITEC. Doutoranda e Mestre em Educação pela Universidade Católica de Brasília (UCB).

E-mail: janete@facitec.br